

PSICANÁLISE E TEORIA DA VINCULAÇÃO

Trabalho realizado no âmbito de Mestrado em Psicologia Clínica (Instituto Superior Miguel Torga)

2009

Fernando Ferreira
Patrícia Pinho

Alunos de Mestrado em Psicologia Clínica no Instituto Superior Miguel Torga (Portugal)

Email:

fcarlos.ferreira@sapo.pt

RESUMO

Este trabalho tem a intenção de explorar a relação entre Psicanálise e a Teoria da Vinculação. Mais do que identificar algumas convergências e divergências, constata-se que a posição de alguns psicanalistas é de que a psicanálise necessita rapidamente de testar as suas ideias cientificamente, pois se não o fizer poderá perder alguma da sua importância na psicologia. A Teoria da Vinculação fornece instrumentos que permitem já em parte que se efectuem estudos neste sentido. Contudo, não há consenso entre os investigadores psicanaliticamente orientados.

Palavras-chave: Psicanálise, teoria da vinculação, convergência, divergência, validação

INTRODUÇÃO

A Teoria da Vinculação (Attachment Theory), e que adiante se designará de TV, resulta dos trabalhos de Bowlby e Ainsworth (1991), e tem a sua origem em conceitos retirados da etologia, da cibernética, do processamento de informação, da psicologia do desenvolvimento e da psicanálise. Baseia-se num modelo de desenvolvimento emocional que postula que a ligação da mãe ao bebé, fundamenta o modelo das relações futuras do sujeito, promove expectativas e assunções acerca dele próprio e dos outros, susceptíveis de influenciar a competência social e o desenvolvimento emocional ao longo da vida. Bowlby (1977) referia com frequência que a vinculação era uma característica que acompanhava os seres humanos da nascença até à morte (Ribeiro & Sousa, 2002).

Esta teoria contribuiu para a compreensão da origem e desenvolvimento dos padrões de relacionamento que se estabelecem ao longo de todo o desenvolvimento, dando particular valor à primeira relação que a criança estabelece na infância com as figuras de vinculação. A pessoa mais próxima ao bebé assume geralmente o papel de figura de vinculação, na medida em que proporciona a segurança e a protecção necessárias, nomeadamente para a exploração do meio. Constitui-se como base segura, de onde o bebé parte para explorar e descobrir o mundo, mas onde regressa à procura de conforto e segurança quando se sente ameaçado ou em perigo. A partir das interações repetidas com a figura de vinculação, a criança vai desenvolvendo conhecimentos e expectativas sobre o modo como essa figura responde e é acessível aos seus pedidos de proximidade e protecção. Esta informação é progressivamente organizada em modelos internos dinâmicos, que são representações generalizadas do self, das figuras de vinculação e das relações (Pacheco, Costa, & Figueiredo, 2003).

Os comportamentos envolvidos nesta relação entre a mãe ou cuidador e a criança podem ser caracterizados enquanto comportamentos de procura de proximidade no intuito de obter segurança, comportamentos inerentes ao desconforto da separação com esta figura de apego, o prazer do reencontro com esta ou ainda, a orientação do comportamento da criança perante o cuidador. Para que este sistema de relações seja activado ou desactivado pela criança seria necessário que este se desenvolvesse a partir das primeiras experiências com as figuras de vinculação, as quais por sua vez, terão influência na criação dos modelos internos da criança, modelos estes que a orientarão no intuito de estabelecer os futuros laços relacionais (Abreu, 2005).

Através das experiências desenvolvidas explorando a relação entre crianças e cuidadores (Situação Estranha, 1978), Ainsworth e colaboradores conceptualizaram a qualidade dos vínculos em três principais tipos: a vinculação segura; a vinculação evitante e a vinculação resistente ou ambivalente (Newton, 2008).

A primeira é característica do indivíduo confiante no facto deste cuidador estar sempre disponível perante situações adversas ou assustadoras. Este padrão de vinculação é promovido nos primeiros anos de vida da criança por um cuidador sensível aos sinais da criança e afectivamente disponível quando esta pede protecção ou reconforto. Esta segurança traz-lhe competências para enfrentar e explorar diversas situações com que se poderá defrontar. Já a vinculação evitante traduz-se essencialmente nos sentimentos de insegurança face a estes cuidados recebidos pois, quando a criança pede atenção espera à partida, uma reacção de rejeição por parte do cuidador. Este tipo de vinculação caracteriza-se por uma indiferença face à localização do seu cuidador, prevalecendo os comportamentos exploratórios em detrimento dos de vinculação. Este padrão resulta pois, de constantes atitudes de rejeição por parte do cuidador para com a criança quando esta lhe pede atenção. Finalmente, os autores referem a vinculação resistente ou ambivalente para descrever o sujeito com dúvidas quanto ao facto dos seus cuidadores estarem ou não disponíveis para ele quando este precisa deles. Ao contrário da

vinculação evitante, no tipo de vinculação ambivalente verifica-se que os comportamentos de vinculação prevaleciam face aos de exploração, revelando uma permanente vigilância quanto ao facto do seu cuidador se poder afastar. Esta insegurança tem como consequência a ansiedade de separação e, por sua vez, tendência para a dependência limitando a exploração de situações futuras e tomada de decisão. Neste ultimo caso, o cuidador é definido como recorrendo ao abandono como forma de controlar a criança (Bowlby, 1988; Newton, 2008).

Posteriormente os trabalhos de Mary Main em conjunto com Judith Solomon (1990) englobaram estas crianças num quarto estilo, designado desorganizado/desorientado (D), sendo que este seria associado ou não a um dos três principais estilos de vínculos referidos anteriormente. Estas crianças tinham em comum a manifestação inesperada de comportamentos contraditórios, não direccionados, interrompidos, posturas bizarras, sinais de ter medo da figura de vinculação, entre outros. Estudos empíricos mostraram que este estilo pode abranger a maioria das crianças em populações de risco (abusos, maus tratos, negligência). Este estilo é aquele que tem relações mais fortes com problemas de comportamento e psicopatologia (Solomon & George, 1999).

Teoria da Vinculação e Psicanálise (Convergências e Divergências)

A TV explora o laço da criança aos cuidadores e tenta explicar as diferenças individuais da qualidade desse vínculo. A teoria e o seu vocabulário têm sido sempre controversos no seio da psicanálise. Para muitos psicanalistas “vinculação” é um conceito chave para o entendimento do desenvolvimento e, conseqüentemente, a TV enriquece a psicanálise. Para outros, as assumpções da teoria parecem diferir radicalmente do seu conceito de psicanálise e são colocadas de lado (Gullestad, 2001).

É obviamente uma teoria do campo psicanalítico. Bowlby recebeu formação psiquiátrica e psicanalítica e a sua colega Ainsworth recebeu formação em psicologia clínica e do desenvolvimento, tendo mesmo sido co-autora de um livro sobre testes projectivos. Os dois associaram conceitos-chave da psicanálise, psicologia do desenvolvimento e psicologia cognitiva e criaram a teoria da vinculação emocional e regulação das emoções, que foi testada e elaborada em centenas de estudos ao longo dos últimos 25 anos (Shaver & Mikulincer, 2005).

Bowlby e Ainsworth entendiam a motivação humana como sendo orientada por sistemas comportamentais inatos destinados a facilitar a adaptação e sobrevivência, explicando o vínculo mãe-filho em termos de necessidades básicas de protecção e segurança. Além disso, apesar de valorizarem os processos dinâmicos inconscientes deram também considerável atenção às experiências relacionais actuais e às suas marcas cognitivas residuais como influenciadoras dos comportamentos futuros (Fonagy, 2001 cf. Shaver e Mikulincer, 2005).

Apesar de existirem ligações estreitas entre TV e Teoria Psicanalítica há diferenças entre elas, sobretudo no que diz respeito à comparação com a Teoria Psicanalítica Contemporânea, esta já a diferir em muito da Teoria Psicanalítica Clássica. Uma tentativa de as distinguir de forma abrupta pode levar a erros especialmente se a TV for vista como um tipo particular de Teoria Psicanalítica Contemporânea ou, mais especificamente ainda, como um tipo de teoria das relações objectais (Eagle, 2000).

Apesar da importância dos conceitos sobre processos mentais inconscientes, determinismo psíquico, sexualidade infantil, irracionalidade da motivação humana, que a psicanálise introduziu na teoria geral da motivação humana na primeira parte do séc. XX, ela encontra-se em declínio na segunda metade do século e até à actualidade por ter tido um contributo mais modesto, não evoluindo cientificamente, não desenvolvendo métodos objectivos para testar as ideias brilhantes que formulou antes (Kandel, 1999).

Hoje, mais do que nunca a psicanálise enfrenta o desafio da validação. Há necessidade que esta seja testada tanto como teoria da mente como método terapêutico.

A TV desenvolveu métodos para um estudo profundo dos núcleos da personalidade e padrões relacionais, como por exemplo “A Situação Estranha” e a “Entrevista para a Vinculação no Adulto” (Gullestad, 2001).

A construção e o uso de instrumentos de avaliação para aspectos relacionados com a vinculação tem levado um número crescente de investigadores de diversas áreas a utilizá-los (Canavarro, Dias, & Lima, 2006).

A TV está a ser alvo de uma crescente atenção, especialmente por parte daqueles psicanalistas que estão interessados na pesquisa empírica. Não é alheio a este facto o aparecimento de instrumentos como o AAI (Adult Attachment Interview, de Main, George e Kaplan, que se destina a avaliar padrões de vinculação no adulto (Gullestad, 2001).

Os exemplos que se seguem podem ser importantes para provar que esta teoria não só adere às grandes preposições da teoria psicodinâmica como ainda fornece fidedignidade e validade aos estudos empíricos, ajudando a produzir bases sólidas que podem contribuir para a revalidação do modelo psicodinâmico na abordagem da personalidade (Shaver & Mikulincer, 2005).

Os princípios explicativos básicos;

Para a TV o Homem está biologicamente predisposto a relacionamentos vinculativos com os cuidadores primários. O sistema vinculativo é composto por um conjunto de sinais emocionais (chorar, sugar, agarrar, seguir) que se destinam a induzir respostas do cuidador (o choro suscita o conforto). O sistema emocional destina-se a ligar a mãe à criança, garantindo protecção e sobrevivência a esta. Para a teoria Freudiana todo o comportamento é explicado com base nas pulsões que têm como objectivo a satisfação do prazer ou redução da tensão. Há um conflito

básico entre o prazer e a realidade, a natureza e a cultura, podendo dizer-se que o Homem se adapta à realidade porque é forçado a isso. É um ser associal forçado pela civilização à adaptação. O funcionamento do ego resulta da colisão entre as necessidades e os obstáculos em satisfazê-las. Como factores em comum, tanto uma como outra teoria reconhecem que o desenvolvimento dos sujeitos assenta em princípios como a sobrevivência e adaptação. Ambas incorporam a teoria de Darwin, embora a teoria Freudiana realce a herança primitiva do Homem e a TV realce a adaptação (Gullestad, 2001).

Os investigadores da vinculação concordam que muitos componentes do sistema comportamental operam inconscientemente e ajudam assim a fazer a ponte entre as teorias psicodinâmicas contemporâneas, pesquisa sobre a personalidade, cognição social e relacionamentos interpessoais (Shaver & Mikulincer, 2005).

A teoria da motivação;

Quanto a esta matéria, para a teoria Freudiana o comportamento do humano pode ser explicado como derivando da sexualidade e da agressão. A TV não difere muito das ideias dos analistas dos anos 50 sobre a teoria das relações objectais. Por exemplo, conceitos como busca objectal (Fairbairn, 1952) e contenção (Winnicott, 1958) têm em comum a necessidade da criança de contacto humano como a primeira das necessidades. Desta forma, enquanto a teoria Freudiana pode ser acusada de reducionismo sexual também a TV, que pode ser entendida em boa medida como uma teoria específica de relações objectais, pode ser acusada de reducionismo relacional (Smith, 1981, cf. Gullestad, 2001).

A compreensão da psicopatologia;

A teoria Freudiana tem como ponto fulcral o triângulo edipiano não resolvido e algumas psicopatologias podem ser explicadas por padrões específicos de regressão causados pelo conflito. Para a TV as rivalidades triangulares não necessitam de ser vistas em termos edipianos mas antes como uma expressão dirigida a alguém com o intuito de estabelecer um vínculo. A Antropologia e a Etologia fornecem evidências de que o comportamento sexual nos organismos imaturos e o funcionamento sexual patológico nos adultos podem ser explicados com a existência de laços vinculativos fracos (Holmes, 1995).

Do ponto de vista evolutivo, o sistema vinculativo destina-se a aumentar as possibilidades de sobrevivência da criança permitindo que o seu cérebro imaturo use as funções maduras do cérebro dos pais para organizar o seu próprio processo de vida. As respostas parentais servem para amplificar e reforçar os estados emocionais positivos e atenuar os negativos na criança (Kandel, 1999).

A teoria das pulsões baseia-se na libido, na agressão e na ideia de uma energia que se acumula e tende para a descarga. Bowlby propõe no seu lugar um conjunto de sistemas inatos de comportamentos que visam a relação e são corrigidos quanto ao objectivo pela resposta do meio. A TV abandona a base termodinâmica e hidráulica da teoria de Freud e passa aos modelos da cibernética, etologia, teoria da informação e dos sistemas e pelo modelo das ciências cognitivas. A Etologia reveste-se de especial importância porque é uma teoria baseada em factos que podem ser observados noutras espécies. As duas teorias têm em comum o reconhecimento da importância das relações precoces não exclusivamente alimentares, desenvolvimento precoce, concepção da ansiedade ligada ao medo da separação, entre outros. Divergem sobretudo ao nível do lugar do Édipo, papel do ego, compulsão à repetição e concepção de desenvolvimento (Guedeney & Guedeney, 2002).

Muitos psicanalistas referem que a TV é reducionista, mecanicista, não dinâmica e que renuncia às pulsões e processos inconscientes. Esta parece ter esquecido o papel importante das emoções na condição humana, como os afectos experienciados pelo ego, que envolvem a socialização e as formas de prazer do corpo físico da criança. Segundo eles, a TV parece ignorar vulnerabilidades biológicas em detrimento das ligadas ao comportamento dos cuidadores. É também acusada de ter reduzido as considerações etiológicas a uma variável simples – a separação física. Parece ter esquecido o impacto do estado desenvolvimental do ego na capacidade da criança fazer a vinculação e reagir à perda. Em contrapartida, Bowlby descreve o modelo psicanalítico como aquele onde o desenvolvimento ocorre apenas numa via de apenas uma faixa ao longo da qual pode haver paragens. Assim, a patologia é explicada como sendo o resultado de, fixações em, e regressões a, determinado estado de desenvolvimento. Considera no seu modelo existirem vários caminhos para o desenvolvimento, identificando uma via principal que deriva em várias ramificações (Fonagy, 1999).

Alguns desvios levarão a pessoa para terras desconhecidas mas outros, seguirão um caminho mais ou menos paralelo ao principal. À medida que a viagem do desenvolvimento prossegue para o “viajante” ele será várias vezes confrontado com escolhas nessas derivações e as escolhas que fizer terão importantes implicações no seu destino, tornando algumas localidades mais acessíveis e outras mais difíceis de alcançar. Cedo na vida há uma multiplicidade de caminhos ao longo dos quais as pessoas se podem desenvolver podendo chegarem a uma grande variedade de destinos (Fraley & Brumbaugh, 2004).

Para Bowlby a psicanálise estava em vão a debater-se para se desligar da teoria da motivação secundária (sustentada pelos laços sociais) em oposição à teoria das motivações primárias que referia as necessidades físicas e orais como fundamentais.

Sistematizando, os pontos de contacto situam-se ao nível da preocupação que ambas as teorias têm acerca dos processos inconscientes. Só que para a psicanálise esta é a parte fulcral da sua teoria, enquanto para a TV esta é apenas um dos aspectos do funcionamento da mente. Tanto

Freud como Bowlby começaram as suas investigações com a preocupação sobre as consequências das privações precoces. Bowlby assentou numa explicação psicológica, biológica e social destas associações e Freud enveredou pela explicação psicosssexual do desenvolvimento. Como principais pontos de discordância encontra-se a preocupação de Freud pelo período edipiano nos 3 e 4 anos de desenvolvimento, reduzindo o seu interesse pelas experiências mais precoces da criança. Apesar da sua consciência acerca da importância do impacto dos ambientes adversos, Freud tinha pouco a dizer sobre a importância dos comportamentos reais da criança com os seus cuidadores, relacionamentos e outros determinantes ambientais. Enquanto explica o ressurgir no adulto dos padrões da criança em termos de compulsão à repetição e ao instinto de morte em última instância, para a TV o que se deve levar em conta é a acumulação das experiências relacionais. Por fim, a visão de Freud do desenvolvimento pode ser apelidada de um pouco mecanicista, enquanto a da TV tem um cariz sistémico (Fonagy, 1999).

À semelhança de muitos outros psicanalistas ligados a teorias diversas (relações objectais, psicologia do self ou teorias relacionais) também Bowlby explica as desordens de comportamento como tendo origem na infância, especialmente nos relacionamentos com os cuidadores primários (Mikulincer & Shaver, 2007).

As implicações terapêuticas

Para Bowlby a TV deveria servir mais para promover a pesquisa. Tal não tem acontecido muito. Contudo, em terapia, os seguidores desta teoria vêem o terapeuta como aquele que providencia as condições nas quais o paciente explora os seus modelos internos de representação e as suas figuras de vinculação, as expectativas face ao terapeuta e a outros significativos, memórias de figuras de vinculação precoces, de forma a reestruturá-los à luz do novo entendimento que adquire e das experiências que tem no relacionamento terapêutico (Dozier & Tyrrell, 1998). Este processo acontece com base na avaliação do relacionamento entre paciente e terapeuta, aproximando-se assim do funcionamento da psicanálise clássica.

Os Modelos Operantes Internos, são representações mentais internalizadas dos pais e da interacção com eles e que tendem a persistir de maneira relativamente estável ao longo do tempo e a operar a nível inconsciente. Destinam-se a filtrar a informação sobre si mesmo e do mundo exterior (Silva & Álvarez, 2007). Estes modelos irão marcar a relação transferencial e organizar a percepção da relação “real” com o terapeuta. É a análise da forma como estes modelos se manifestam na transferência e contra transferência que irá permitir ao terapeuta estabelecer uma “experiência correctiva” no seio do processo terapêutico (Guedeney & Guedeney, 2002).

O conceito de “base segura” de Bowlby contém as mesmas qualidades do conceito de “holding” (Winnicott), de “continente” (Bion) e aproxima-se da noção de “segurança” que Freud

considerava necessário existir como pré requisito para trabalhar a ansiedade infantil elevada e fantasias muito vincadas. O bom terapeuta explora esta securização para que, tal como a criança segura explora o ambiente também o paciente se sinta seguro para encontrar dentro de si a interpretação (Holmes, 1995).

Winnicott (1989) entendia a agressão como emergindo de uma disfunção da vinculação em vez de emergindo das pulsões instintivas e não acreditava que se pudesse estudar a criança fora da díade mãe-filho. Kohut (1971) diferenciou entre pacientes com distúrbios emocionais baseados no conflito intrapsíquico, que tiveram experiências suficientes de vinculação de outros que não tiveram experiências vinculativas suficientes que os levassem a possuir uma estrutura intrapsíquica sólida, com defesas adaptativas e um sentimento do próprio estável. Sullivan (1953) preocupava-se menos com o que se passava no interior da pessoa e dirigia a sua atenção para o campo relacional. Considerava que a matriz terapêutica incluía duas pessoas que contribuíam mutuamente para a experiência interpessoal. Defendia que o terapeuta era um observador participante no processo terapêutico, contrariamente a Freud que defendia o terapeuta como um observador desligado (Benedict & Hastings, 2002).

O contexto de uma psicoterapia é propício à activação do sistema de vinculação do indivíduo na medida em que o coloca em situação de vulnerabilidade perante um técnico que supõe ajudá-lo e que representa uma figura mais sabedora e mais forte (Bowby, 1977, cf. Guedeney & Guedeney, 2002).

O conceito de aliança terapêutica, oriundo da teoria de Freud, e que aparece teorizado na TV como base segura, condição indispensável para qualquer psicoterapia, permite que o paciente se sinta suficientemente seguro para explorar aspectos desconhecidos e potencialmente ameaçadores da sua experiência (Mackie, 1981, cf. Guedeney & Guedeney, 2002).

O terapeuta é uma base de segurança, alguém singular e coerente, cujo apoio, compreensão e orientação ocasional ajudam o doente a explorar as relações afectivas ainda que sejam dolorosas e tristes (Bowlby, 1985). Desta forma, o papel do terapeuta é de certa maneira análogo ao da mãe que encoraja o filho na exploração do meio a partir da base segura que ela criou (Clulow, 2001).

Quanto à contra transferência, esta não é esquecida uma vez que a TV avalia a relação que se instala entre paciente e terapeuta, acontecendo que o segundo trás para o processo terapêutico também as suas histórias pessoais, lacunas e inseguranças.

Um dos vários contributos da TV para a psicoterapia consiste na importância atribuída aos episódios de separação e de reencontro no próprio processo terapêutico. O entendimento da vinculação como um processo e não como algo instintivo fornece hipóteses explicativas sobre os modos de ser mais ou menos anacrónicos e insatisfatórios, do sujeito com aqueles que lhe são próximos, quando ele próprio se encontra em situação de aflicção (Guedeney & Guedeney, 2002).

CONCLUSÃO

Fazer comparações entre Psicanálise e a TV não é tarefa fácil, até porque a própria psicanálise não constitui um corpo teórico homogéneo. Esta pode ser dividida em quatro fases (Fonagy, 1999):

Uma primeira fase que corresponde a uma série de artigos que referenciam maioritariamente tópicos ligados às questões neurológicas. Depois, uma segunda fase dominada pelo afecto-trauma em que a visão da etiologia da neurose refere que esta assenta nas experiências infantis precoces. A terceira fase foi chamada de topográfica (consciente, pré consciente e inconsciente) em que a fantasia tinha origem na motivação física. Por fim, a quarta fase que é referida como o modelo estrutural da mente em que esta é dividida em instâncias que se relacionam funcionalmente entre si (id, ego, superego). Cada fase tem as suas particularidades que depois de analisadas podemos encontrar pontos em que Freud ora aproxima ora se afasta da TV.

Muitas escolas psicoterapêuticas e teorias psicológicas desenvolveram os seus próprios conceitos acerca da importância da vinculação havendo algumas que se aproximam da teoria de Bowlby e outras que se afastam. As principais diferenças entre as escolas psicodinamicamente orientadas e a TV consiste no facto de que a primeira se baseia na teoria das pulsões e segunda se baseia nos sistemas motivacionais e comportamentais. Na teoria psicanalítica a relação mãe-criança caracteriza-se no início por uma matriz em que a fusão psíquica domina, com o self e o objecto a indiferenciarem-se. Na TV o bebé não se percebe como fundido na mãe e está antes de mais predisposto a responder socialmente, resultando esta predisposição em vinculação durante o primeiro ano de vida (Brisch, 2002).

Contrariamente à TV, que apresenta a vinculação como a necessidade fundamental dos humanos, a base fundamental da teoria psicanalítica é o determinismo psíquico que acredita que a génese de todos os problemas psíquicos é determinada por processos inconscientes. Para esta teoria a criança vincula com a mãe para que esta o alimente. No entanto, para a TV, uma criança bem nutrida que seja privada do afecto dos cuidadores não tem sucesso no seu desenvolvimento e pode mesmo morrer (Charman, 2004).

Embora haja psicanalistas em posições antagónicas face ao reconhecimento da TV como parte da teoria psicanalítica, são muitos os que concordam com o facto de esta necessitar cada vez mais de formas de validação de estudos que a ajudem a integrar novos conceitos provindos de novas evidências empíricas. A TV com teoria e como prática, permitiu a concepção de um número grande de instrumentos de estudo validados e fidedignos que estão ser utilizados por investigadores psicanaliticamente orientados interessados na validação de estudos e conceitos da psicanálise, permitindo assim que esta evolua no sentido mais positivista do termo.

REFERÊNCIAS

Abreu, N. (2005). *Teoria do Apego - Fundamentos, Pesquisas e Implicações Clínicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Benedict, H., & Hastings, L. (2002). Object - Relations Play Therapy. In F. Kaslow, & J. Magnavita, *Comprehensive Handbook of Psychotherapy: Psychodynamic/Object Relations*. London: John Wiley & Sons.

Bowlby, J. (1988). *A Secure Base: Parent-Child Attachment and Healthy Human Development*. New York : Basic Books.

Bowlby, J. (1985). *Attachment and Loss* (Vol. II). London: Hoghart Press.

Brisch, K. (2002). *Treating attachment disorders: From theory to therapy* . New York: Guilford Press.

Canavarro, M., Dias, P., & Lima, V. (2006). A Avaliação da Vinculação do Adulto: Uma Revisão Crítica a Propósito da Aplicação da Adult Attachment Scale-r (AAS-R) na População Portuguesa. *Psicologia* , 20, 155-186.

Charman, D. (2004). *Core Processes in Brief Psychodynamic Psychotherapy*. London: Lawrence Erlbaum Associates.

Clulow, C. (2001). Attachment Theory and the Therapeutic frame. In C. Clulow, *The "Secure Base" in Practice and Research*. London: Brunner-Routledge.

Dozier, M., & Tyrrell, C. (1998). The Role of Attachment in Therapeutic Relationships. In J. Simpson, & W. Rholes, *Attachment Theory and Close Relationships*. New York: Guilford Press.

Eagle, M. (2000). The Developmental Perspectives of Attachment and Psychoanalytic Theory. In S. Golberg, R. Muir, & J. Kerr, *Attachment Theory: Social Development and Clinical Perspectives* (pp. 123-150). Hillsdale New Jersey: The Analytic Press.

Fonagy, P. (1999). Psychoanalytic Theory from the Viewpoint of Attachment Theory and Research. In J. Cassidy, & P. Shaver, *Handbook of Attachment: Theory, Research and Clinical Applications*. New York: Guilford Press.

Fraley, R., & Brumbaugh, C. (2004). A Dynamical Systems Approach to Conceptualizing and Styling Stability and Change in Attachment Security. In W. Rholes, & J. Simpson, *Adult Attachment: Theory, research and Clinical Implications*. New York: Guilford Press.

Guedeney, N., & Guedeney, A. (2002). *Vinculação: Conceitos e Aplicações*. Lisboa: Climepsi Editores.

Gullestad, S. (2001). Attachment theory and psychoanalysis: controversial issues. *The Scandinavian Psychoanalytic Review*, 24, 3-16.

Holmes, J. (1995). Something there is that doesn't love a wall: John Bowlby, attachment theory and psychoanalysis. In S. Golberg, R. Muir, & J. Kerr, *Attachment Theory: Social Development and Clinical Perspectives* (pp. 19-43).

Kandel, E. (1999). Biology and Future of Psychoanalysis: A New Intellectual Framework for Psychiatry Revisited. *Am J Psychiatry*, 505-524.

Mikulincer, M., & Shaver, P. (2007). *Attachment in Adulthood: Structure, Dynamics and Change*. New York: Guilford Press.

Newton, P. (2008). *The Attachment Connection: Parenting a Secure and Confident Child Using the Science of Attachment Theory*. Oakland: New Harbinger Publications.

Pacheco, A., Costa, R., & Figueiredo, B. (2003). Estilo de Vinculação. , *Qualidade da Relação com Figuras Significativas e da Aliança Terapêutica e Sintomatologia Psicopatológica: Estudo Exploratório com Mães Adolescentes*, 3, N°1, 35-59.

Ribeiro, J., & Sousa, M. (2002). Vinculação e comportamentos de saúde: Estudo exploratório de uma escala de avaliação da vinculação em adolescentes. *Análise Psicológica*, 1 (xx), 67-75.

Shaver, P., & Mikulincer, M. (2005). Attachment theory and research: Resurrection of the psychodynamic approach to personality. *Journal of Research in Personality*, 39, 22-45.

Silva, S., & Álvarez, M. (2007). Los modelos operantes y sus abordajes en psicoterapia. *Terapia Psicológica*, Vol.25 N° 2, 163-172.

Solomon, J., & George, C. (1999). *Attachment Desorganization*. New York: Guilford Press.